



SONETOS VERDES
e alguns versos brancos

GLÁUCIA LEMOS



mondrongo

Poemas verdes, poesia madura

A filosofia e a poesia partem do mesmo sentimento: a admiração, o espanto, a comoção. Na filosofia, a admiração leva à indagação, à problematização e, quem dera, ao esclarecimento – ou a um novo espanto. Na poesia, a admiração desperta a inspiração, fazendo com que o poeta motivado se debruce sobre si mesmo para criar o poema. A inspiração e a motivação criadora fazem brotar o engenho do poeta.

No entanto, dificilmente a *poiesis* se conclui no momento da criação. É no trato que o poeta confere à linguagem que se revela sua arte poética. Ao engenho criativo deve associar-se o domínio técnico, a capacidade de elaboração artística, com vistas a imprimir valor estético ao poema, em especial quanto aos fundamentos do ritmo, da expressão e da composição. É assim com a poesia e as artes em geral.

Há muito Gláucia Lemos nos vem reafirmando o engenho e a arte de sua literatura. Sua obra de ficção, tanto no conto como no romance, coleciona prêmios e reconhecimento, culminando com sua eleição a uma cátedra vitalícia na Academia de Letras da Bahia. Sua literatura infantil e infanto-juvenil é um sucesso editorial, com livros adotados em escolas de vários estados brasileiros, alguns deles com mais de trinta edições.

Sua primeira publicação no campo da poesia foi o livro *O cão azul e outros poemas*, voltado para o público com o qual ela sabe dialogar como

SONETOS VERDES e alguns versos brancos

Obra comemorativa aos 40 anos de literatura da autora



Gláucia Lemos

SONETOS VERDES
e alguns versos brancos

1ª Edição



mondrongo
Bahia / 2019

Nenhum trabalho pode ser medido pelo tamanho da empresa que o executa, mas pela coragem e confiança no que faz. É assim que, inspirados pela máxima pessoana, “põe quanto és no mínimo que fazes”, trabalhamos cotidianamente oferecendo ao leitor livros de qualidade e respeitando o autor naquilo que ele tem de mais sagrado: os seus sonhos.

www.mondrongo.com.br

2019, Sonetos verdes e alguns versos brancos

Gênero: Poesia

Copyright © Gláucia Lemos

Copyright © Mondrongo

Editoração eletrônica: Ulisses Góes

Ilustração da capa: Milton DaCosta (Figura ajoelhada)

Capa: Ulisses Góes sobre imagem de Milton DaCosta

Editor: Gustavo Felicíssimo

L555s

Lemos, Gláucia.

Sonetos verdes e alguns versos brancos / Gláucia Lemos. -- 1. ed. --

Itabuna : Mondrongo, 2019.

104 p.

ISBN: 978-65-80066-24-7

I. Poesia. I. Lemos, Gláucia. II. Título.

CDU 82-1

Todos os direitos reservados

MONDRONGO

Avenida Duque de Caxias, 728, Loja 02

Centro | Itabuna (Bahia) | CEP: 45.600-210

73.3041.3116 | 98842.2793

contato@mondrongo.com.br

*A meus filhos
A meus netos e bisnetos
pelo amor que me inspiram.*

*Escrever é fazer recuar a morte.
É dilatar o espaço da vida.*

José Saramago,
In "*As palavras de Saramago*"

Índice

SONETOS VERDES

Soneto dos Irredimidos.....	11
Soneto da Fragilidade.....	13
Pequenices.....	15
Soneto do Beduino.....	17
Soneto de Tudo o Que é.....	19
Soneto da Chuva.....	21
Soneto do Regato.....	23
Soneto da Celebração.....	25
Soneto da Viagem.....	27
Soneto sem Ofertório.....	29
O Abraço.....	31
Soneto do Envolvimento.....	33
Soneto da Partida.....	35
Claro-escuro.....	37
Os Votos.....	39
Soneto do Motivo.....	41
Soneto da Chama.....	43
Soneto aos Pés.....	45
Clausura.....	47
Soneto dos Mistérios.....	49
Soneto Demodé.....	51

ALGUNS VERSOS BRANCOS

Valeu a pena.....	55
Janeiro.....	57
Aquele.....	59
Simplemente domingo.....	61
Abismos.....	63
Salomé.....	65
Ocaso em Salinas.....	67

Cromo de cartão	69
O Pacto.....	71
Pureza.....	73
Depois.....	75
Ecce Homo	77
A Noite Azul	79
Uno	81
A Janela.....	83
Pequena Canção de Mulher.....	85
O Pão	87
Completude	89
Paisagem	91
O Cigano.....	93
Ceia.....	95



Sonetos verdes

Sonetos

**Porque Soneto não é só uma configuração, é um desafio
trabalhoso e realizador.**

Soneto é uma orquestração, um luxo.

É a busca à blue-note do jazz. E algumas vezes, encontrá-la.

SONETO DOS IRREDIMIDOS

Guardarás a palavra, e da palavra
o segredo que eu nunca te direi
saber. Como em nós próprios se guardava
o mal que me causaste, e eu te causei.

Fui teus olhos, tuas mãos, e a própria clava
fui na tua luta. Escravo foste e rei
no meu destino. E amaste o que restava
do pouco que eu quis ser, mas ser não sei.

Fica de nós, legado de dois loucos,
dos que se amaram como se amam poucos,
dos que tudo se deram, tendo nada.

A nós, por prêmio, cabe uma alma exangue.
Sentirás no teu ombro a chaga em sangue
da cruz que no meu ombro é carregada.

SONETO DA FRAGILIDADE

Nos olhos a penumbra do cansaço.
Na madurez da face, a pele em sombra
sépia, a caligrafar o fim de um dia
de um tempo escrito lento nos teus passos.

Olha-me com olhos sisudos, e a palavra
quase turva, traduz um fim de tarde.
O embaraço na entrega confessada
de um deus a revelar fragilidade.

Parece haver mais prata a cada noite
nas fortes têmeoras de tez morena.
Como na barba a despontar no rosto.

Amo estas rugas novas, sonolentas.
O marasmo na voz suplica um colo.
E te amo mais assim, tão frágil e exposto.

PEQUENICES

Era um girassol em ouro.
Era pintar um sol posto.
Era um rosto todo azul
me espiando na vidraça.

Era uma rosa dos ventos.
Era ver ventos nas velas.
Era um barco de origami
singrando algodão de espumas.

Era um banco onde sentava
cultivando sempre-vivas
nos canteiros de esperanças.

Era pouco e era tanto!
Era ser feliz sem nada.
Era ser quase não sendo.

SONETO DO BEDUINO

Se quer saber, nada no mundo importa.
Não sei quantas idades tenho em mim.
Se a primavera ainda me canta à porta
ou banho os pés nos óleos de alecrim.

Se quer saber, eu creio que há caminhos
pra cada qual. E a ninguém cabe andar
nas trilhas que as abriu o seu vizinho,
nem vir colher romãs no meu pomar.

Quer mais saber? Eu teci minha sina.
Davi contra gigantes — venci medos
e reescrevi com sangue o meu destino.

Nas mãos tenho azaleias, água e seda,
meus pés são de alabastro e de platina,
mas na minha alma, eu sei, pulsa um beduíno.

SONETO DE TUDO O QUE É

Hoje a lua acordou ao meio dia.
Tão pouca a luz, tão rala a claridade!
Desceram-me anjos do portal do céu,
muito de leve me selaram os lábios.

Hoje de estranho tudo aconteceu.
No canteiro de gérberras e bredos,
murchou a rosa azul que o amor me deu,
amortalhados foram meus segredos.

Jamais eu procurei beijar um sapo.
Não acredito em príncipe encantado,
desprezo oráculos chamados sábios.

De inútil, minha fé ao mar joguei-a.
Eu mesma amasso o pão da minha ceia,
meu melhor beijo eu o guardo ainda no lábio.

SONETO DA CHUVA

Olha-me agora e lembra! Nos perdemos
da nossa estrela-guia. E não é tua
e nem é minha a culpa. Já tivemos
a brotar em ilusões as almas nuas.

Aos céus de um outro inverno, assim como este,
às águas de outra chuva, assim como esta,
as vertigens dos sonhos que me deste
floriam meus desejos como festa.

Quando as chuvas se foram, tal a lua
retalhada nos cortes do minguante,
a minha alma ficou. Talvez a tua,

vendo-me agora, lembre. Foi assim...
Chove de novo. E a vida tange avante
o rebanho de perdas que anda em mim!

SONETO DO REGATO

Eu sou como água de regato. Passo
tranquila e limpa. Levo pelas bermas
o que o leito guardou, areias, ervas,
e em rostos vagos, deixo o refletir.

Ao fundo ficam pedras que me atiram,
mas seguem-me as folhagens, as sujices,
as flores que navegam à superfície,
e eu vou, e vou, cumprindo este ter que ir.

O meu silêncio quebra-se em murmúrios
ante carícias, quando enfim tuas mãos
por distração deslizam na corrente.

Murmúrio súplice de velhas mágoas:
- Fica comigo! Bebe em minha fraga,
mata tua sede! Ou deixa-me pra sempre!

SONETO DA CELEBRAÇÃO

Hoje em nenhum momento te celebro,
queimo-te a mirra da ternura extinta.
Renego, enfim, a crença que foi minha
mas não remanesceu à vã entrega.

Celebras muito o que és! Louvas centenas
de caudas de pavão, em cores tintas!
Eu rezo à minha luz. A luz que é minha,
recusa-se a clarear porções pequenas.

Sou pouco mais que luz de lamparina,
mas afugento a treva, a dor, o luto
e a bênção deste pouco me ilumina.

Quebro o degrau do qual depus teu vulto
e escancaro a janela. A matutina
brisa apagou os círios do teu culto.

SONETO DA VIAGEM

Talvez perdido em ti dou trégua a mim
Luis Antônio Cajazeira Ramos
In "Musa"

Oculto o que me dizem meus silêncios.
Dentro em mim mesma guardo os meus pavores.
Jamais sei ler no turvo que me esconde
no não saber do que não sei de amores.

Navego há muito tempo em noite escura,
no aventurar da rota das estrelas.
Me desventura a trágica aventura
das solidões antigas e procelas.

Resta tão pouco em meu batel... E é noite.
Rasgos de nada é a sobra dos açoites,
atracar talvez fosse a paz dos céus.

Mas a estender meus braços do rochedo
ao qual me afinco, me estarrece o medo
de não saber como se diz adeus.

SONETO SEM OFERTÓRIO

*(À memória da confreira Myrian Fraga
que gostava deste soneto)*

A quem escrevo quando escrevo à toa
se dons não tenho a burilar destinos?
Se os versos rolam como rolam brumas
na turva espuma do apagar das noites.

Se os versos choram como choram dores,
se são pedaços dos espaços mortos,
a quem me entrego nas palavras soltas
tais folhas rotas na voragem fosca?

Se os versos cantam como cantam rezas,
mas nada prezas dos perdidos beijos,
a quem os venho ventilando ao vento?

Se não me perco sob as coisas torpes,
se não me elevo sobre as coisas santas,
a quem eu canto quando escrevo à toa?

O ABRAÇO

E tu chegaste enfim na primavera.
As flores que plantei na jardineira
abriram-se orvalhadas à tua espera.
E pelo ouro do luar entre as palmeiras,

as noites claras te indicavam vindo.
Me vieste quando as chuvas se enxugaram
para que a noite azul de um azul infindo
bordasse em prata, flores que enfeitavam

constelações de luz em toda a esfera.
Me vieste quando veio a primavera
para que o mundo transmudasse em arte.

E nunca a noite teve tanto encanto!
E nunca a primavera floriu tanto
quanto se derramou, porque chegaste.



SONETO DO ENVOLVIMENTO

Aonde me levam águas deste rio
com a insignificância de uma folha,
não há como parar, não tenho escolha,
deslizo em seixos e húmus, sol ou frio.

Ora, numa vertigem rodopio
indo à flor da corrente, ora à bolha
da água, batendo em pedras, ora me olha
a me encantar o seu perfil esguio.

Perderam-se os meus pés por estas águas.
Minha sorte não sei, mas sei que trago a
ansiedade de sempre prosseguir.

E fico a perguntar, de vez em quando,
se o rio é mesmo o que me está levando,
ou se sou eu que estou querendo ir.

SONETO DA PARTIDA

Guarda um pedaço do teu tempo. Guarda
minha memória na fração do instante
do teu bocejo, e nela imprime o abraço
que não logrou trazer consigo a amante.

Na confusão do teu cansaço, guarda
um vasto espaço, a nele ter constante
o latejar de um derradeiro enlaço
no se apartar do afago dos amantes.

Guarda-me um pensamento, um curto instante
do teu repouso noturnal. E guarda
do peito ao fundo este querer pulsante.

E na retina, cuida, não se embace
nem turve a minha imagem que te aguarda
com uma saudade que me escorre à face.

CLARO-ESCURO

A luz da tarde a entrar pela janela
é o sol chegando a visitar a sala.
Caminha na parede a sombra rala
das nexas da cortina de flanela.

Meus olhos passam lentos nesta escala
de claro-escuro, sombra e luz de vela.
E então eu penso, reparando nela,
na oscilação de alguém de quem não falo.

Às vezes pode ser como a vidraça,
deixar passar a luz, e a luz que passa
aquecer e clarear inteira a sala.

Vezes outras prefere ser cortina
e se envolvendo em nexas pequeninas
vai reduzir-se à mera sombra rala.



OS VOTOS

Quero que o ciúme siga com teus passos,
compasse passo a passo os teus momentos.
Que faça nos teus olhos cismarentos
dois lagos de águas tristes. E que faça

com que às paredes claras do teu quarto
me vejas a sorrir nas madrugadas.
Quero que a gota que ficou guardada
à pálpebra retida, por disfarce,

escorra na amargura do teu rosto.
Que a minha ausência seja o teu desgosto
onde estiveres penitente às sós.

Que o ciúme de mim sempre te persiga,
e que alta noite uma saudade antiga
vá te falar de amor com a minha voz.

SONETO DO MOTIVO

Sim, foi tua fala, ou foi talvez tua voz.
Entregue à placidez de ser feliz,
ou de quem se quer sendo, e assim se diz,
e o diz na fala ou no sensual da voz.

Ou foi, num gesto teu, vir de tuas mãos
às minhas mãos abertas, a avidez
do teu pulsar na pele, a tepidez,
o apelo e a entrega, um mimo, uma doação.

Foi talvez o frio úmido do outono,
o sofá, tudo em volta. Ou foi meu sono
na palidez e solidão da sala.

Não foi o que dizias, foi mais teu jeito,
um murmúrio, um gemer, um tom perfeito.
Ah! Foi tua voz, bem sei... Ou foi tua fala!

SONETO DA CHAMA

Eu sou a tua morada e sou teu pouso.
Deita na rede que te dá meu colo,
que eu sou o teu abrigo que não dorme,
telhado que te acolhe em teu repouso.

E te amo como um riacho que prossegue
no rumo sem mudança nem regresso.
Somos o par das asas da gaivota
na sincronia em que no espaço se ergue.

Te busco com uma dor que leva o passo
na caça ao alimento em teu abraço,
e sou tua luz no esgarço da neblina.

Volta à tua rede que a noite é de treva!
Comunga em mim a chama que se eleva,
e dela o mundo inteiro se ilumina.

SONETO AOS PÉS

Vês, eu te louvo em teu olhar dourado
como num amanhecer que se oferece.
No traço do perfil bem desenhado,
no teu apelo em sílaba de prece.

Louvo-te no suave arco de tua boca,
na discrição do teu sorriso breve.
Louvo tua fala que semelha o leve
rumor de pássaro a escapar da boca.

Na barba rala e nas tuas mãos ternosas.
E qual se fosses cuidador de rosas,
louvo em teus gestos cheiros de jardins.

Louvo esta paz flutuando no teu jeito.
E no buscar o abismo do teu peito,
louvo os teus pés que te conduzem a mim.

CLAUSURA

“Pra não dizer que não falei de flores”

Geraldo Vandré

Pra não dizer que não falei das lutas,
pra não dizer que me esqueci das flores,
pra não dizer que eu ando fria e muda
e abandonei a inspiração das luas,

que as madrugadas gélidas de agora
não sabem das fogueiras dos meus versos,
nem nos meus olhos rasos se insinuam
a se afogar, os males mais diversos,

revesti-me de monja de clausura,
calei-me das saudades mais maduras,
guardei-me de verdades e de amores:

pra não dizer que não falei da lua,
pra não dizer que me esqueci das lutas,
pra não dizer que abandonei as flores.

SONETO DOS MISTÉRIOS

De onde é que vem a mutação dos ventos
e este cheiro inebriante das boninas?
De onde a lagarta a abrir-se em seu momento
em leves borboletas bailarinas?

De onde as marés? e o sol, e o sal, e as vinhas?
E do bruto do chão virem romãs?
Por que ciranda a lua – esta rainha
de um reino que fenece nas manhãs?

De onde é que vem tanto poetar dos puros?
De onde a fé? e o pecado dos perjuros?
De que tábua da lei provém os juízos?

De onde os sonhos que a insensatez inventa?
E esta loucura que ainda me atormenta
quando escuto a tua voz e ouço o teu riso?

SONETO DEMODÉ

Tardio este querer que hoje me colhe.
Este bocado meu que conquistaste
rendeu-se em mim, sem pejos nem disfarces,
metades de verdade e de incerteza.

Que faz vigília nos portais do medo
na ansiedade a calar o seu recato.
Já não se basta de provar seu cardo,
já te diz tanto, sem saber dizer-se.

De tanto ser consagrou-se em teus lábios,
e da tua fome me prostrou cativa,
na tua sede sondando o teu sobejo.

Não me fales de dor se dor te causa,
pois se hei de ser feliz na paz esquiva,
dá-me a infelicidade no teu beijo!



Alguns versos brancos

Versos brancos
Porque escrever não é opção, é servidão inevitável.

VALEU A PENA

Outra vez este chão
este sol e este sal.
O ar embalsamando
como se ontem fosse ainda.
Nem alguma cena certa
mas ainda esta certeza
de que sóis se sucederam
e dias iguais se foram
longe de nós
mas é este mesmo sol
é este mesmo sal.
É cheiro de mirra antiga
no horizonte
e é o mesmo mar de palavras azuis
e de espumar canções
e brisas nos cabelos,
que me parem memórias e luas
e peixes e areias
acidez de anêmonas
E acenos e estrelas
cadentes que ainda
mergulham
no mar e na alma.
É esta certa
ainda certeza
de que valeu a pena.

JANEIRO

As palmas das babosas
hirtas
apontam para um céu
limpo de nuvens
vazio de águas.
Tensas
no brilho opaco dos verdes
ressecados.
Ameaçam
com serrilhas estranhas
as esperas e necessidades
das sedes do barro.
Tremem na seca
os grãos pretos da terra.
E as nuvens se foram
sem chegar. Negadas
ao céu crestado
do janeiro que me fere.

AQUELE

A meu Pai

Aquele que bem amava
tinha os olhos da cor do âmbar,
cor do sol ao fim da tarde,
cor da pedra do topázio.

Aquele que bem amava
tinha alma como a de um monge.
Da sua voz vinha o lume
quando tudo se sombreava.

Aquele que bem amava
no seu coração guardava
tatuado um trilho bonito.

Eu fui caminhando nele,
de braços dados com ele,
e me perdi no infinito.

(Aquele que bem amava
era de cristal.
Quebrou.)

SIMPLESMENTE DOMINGO

Amanhece nos livros fechados
verticais nas estantes.
No silêncio das paredes verdes,
irritantes de verdes.
Na lâmpada dormindo apagada
na lito de Durer sem propósito.
Na solidão de Adão e Eva
de pudor duvidoso.
No chapéu de Pessoa
enquadrado à minha cabeceira.
No chiado diário das palmas grosseiras
dos dendezeiros à minha janela.
Amanhece outra vez.
O mundo não acabou na noite passada.

ABISMOS

Segura minha mão como se fosse
uma taça de cristal.
Beija-a pondo em arco o corpo inteiro
porte de cavaleiro medieval.
Sou uma dama de rosto de linha clara
bordada em forração de gobelin.
Gosto de ter sua mão grande, forte, crespa
com receio de quebrar a minha mão.
Gosto do beijo ávido, sedento,
como se nessa taça houvesse o vinho
para o pecado da sua embriaguez.
Que nunca esqueça a sua sede, entanto,
de que cada amor é novo abismo
e de que ao fim todo abismo dói igual.



SALOMÉ

Fazer a ronda de uma noite.
Onde anoitecem os teus passos
peregrina, habito.
Ainda ontem – ou quando?
dissemos boa noite
quando a cortina se esgarçou em fiapos
nevoentos.
Fui contigo
na cicatriz de batom no teu rosto.
Desde então dança lúbrica a saudade.
Tua boca a me sorrir
numa bandeja
ao som de um tango argentino.

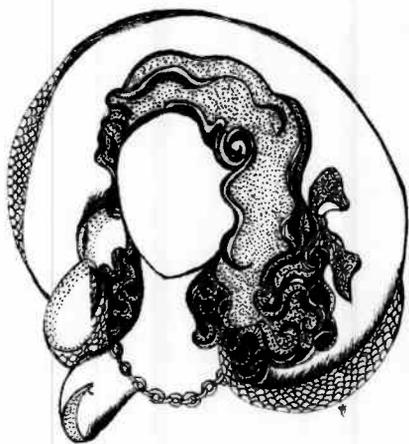
OCASO EM SALINAS

A luz flutua à superfície
feito uma flor de ouro desmanchada
pelas franjas das ondas.
Não estás neste ocaso.
Contemplo e aspiro o ópio desta tarde
sentindo o ocaso a te embalar
numa rede de luas.

De onde a luz se encobre na serra além mar,
vem o laivo da amargura
porque não estás.
Minha voz te sobeja na lembrança,
e me abraça a difusão de um carinho
que tem medo de morrer.
Recolho os braços em cruz
por cima do meu peito.
E abraço o teu abraço que me guarda
à distância
como bênção.

CROMO DE CARTÃO

A caravela revela
o velejar na manhã
no quadrado da janela.
É muito mais bela, ela,
se veleja
à brisa que, branda, beija
a singela branca vela
no quadrado da janela.



O PACTO

Fica então combinado
que se pode ser feliz de parte a parte.
Onde estiverem nossas mãos retidas
ou nossos pés cansados
seja aonde for no horizonte a risca,
Onde ainda alcance
o olhar aventureiro.
Nem a dor de doer
a alma sozinha,
nem o riso de sorrir
que enfeite o peito
nos neguem o jeito
de ser feliz cada um de parte a parte.
Seja aonde for do horizonte a risca
onde o olhar alcance
onde estiverem nossas mãos pendidas
ou nossos pés apartados,
ou algum se alumbrar que ainda escape,
se possa ser feliz de parte a parte.
Fica então combinado.

PUREZA

Quisera caminhar pelos caminhos sem dono
sem caminhantes e sem história
E amar como amam os pássaros
como amam as flores
e as estrelas, talvez.

Escrever o meu destino
nas folhas mais novas das árvores mais velhas.
Derramar a ternura líquida do meu coração
no coração dos puros e dos simples.
E, colhendo lírios e begônias
aceitar as ervas e as urtigas.
Quisera aprender como acordar estrelas
em noites humanas, tristes como as minhas
e ter asas como as tem o Sol
que abraça o universo.

DEPOIS

Fui ficando pequena
pequenina
com a insignificância de uma abelha.
E me restei perdida
no silêncio amarelo
do pistilo
de uma dália vermelha.

ECCE HOMO

Eu não te disse Vem!
Tu me vieste.

Não pedi: Me conquista!
Me beijaste.

Não te pedi carinhos.
Mas me deste.

Só pedi que ficasses.
Me deixaste.

A NOITE AZUL

Preciso de uma noite tranquila
com árvores de sombra azul
com um som de violão
e uma brisa vulgar
alisando meu rosto.
Sem os recados imaginários
de que falam poesias,
para o lugar comum
das horas mortas
em qua a saudade mais comum do mundo
vem confessar que existe.

Habitam-me lembranças corriqueiras
que toda gente tem.
Beijos rotineiros,
abraços de braços esperados
e falas doces e olhos de contente.
Preciso de uma noite azul
clara e dormente
igual a toda noite sem mistérios
para esta saudade mansa
de há tanto tempo!
Que eu nem sabia mais
como é que se sente.

UNO

De leve em tua boca
sorver tua alma
que arrasta
cristalina e indefesa
ao ímã do teu rastro.

Tomar em teu hálito
o animus.
Eis que em mistério profano
estamos
nos tornando uno.

Por enquanto
fecha teus olhos
tanta luz me ofusca.

A JANELA

A janela parece oferecer-se
à noite enxuta.
A noite muda e fria
é como um homem que dorme.

Uma janela aberta
é uma mulher calada.
Reza um rosário de estrelas
no milésimo andar
do silêncio.

PEQUENA CANÇÃO DE MULHER

Tinha uma coisa para te dizer
mas a noite passou.
Não sei se ainda sei as palavras
as mesmas de ontem
para te dizer
depois que viajaste à prea-mar
da noite de ontem
e me deixaste.

Quando a noite voltar
ainda terei uma coisa para te dizer.
Que fazer
se sou assim vaga
assim louca, assim quase poeta
como são quase todas as mulheres
quando estão amando?

O PÃO

És como o trigo maduro
que a ceifa rouba à messe
e corta a haste.

Como o pão
em que o trigo se converte
tu te tornaste.

COMPLETUDE

Minha metade em ti
viaja milhas.
Tua metade
é sombra em que me arrasto.
Rasteja no meu colo
em que te grafas
uma saudade permanente
e vasta.

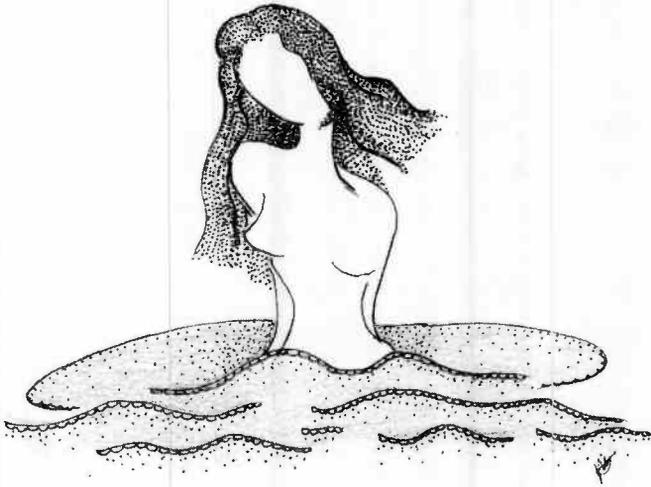
PAISAGEM

Foste chegando sem pedir licença
entrando na paisagem.

Meus olhos viajavam pra distante
a pescar velhas velas de saveiros
e rastos de aviões nos horizontes.

Apagaram do mar todos os saveiros.
Os aviões se foram nas voragens.
Te escondeste nas vagas dos silêncios
tecendo avessos nas minhas palavras.

Ensina-me a viver o teu silêncio!
Eu não sei te apagar desta paisagem.



O CIGANO

Então pedi: Cigano, dá-me um verso!
A iluminar a solidão de tantos
que são os meus vazios, e os perversos
tropeços
dos meus muitos desencantos.
Só lhe pedi um verso.
Um que me fosse
claro e pequeno sortilégio, um doce
augúrio, um fado verdadeiro.

Ele sorriu.
O seu sorriso intenso
cantou os cantos de um poema inteiro.

CEIA

Os hóspedes chegam sem pedir licença,
sentam-se à mesa e comem com meus amigos.
Meus amigos sorriem com rostos azuis
de amizade ou de espanto.
Seus dentes agudos mastigam e cospem
as notícias dos jornais.

Os hóspedes estão entediados.
Sentados à cabeceira,
contam os pingentes do lustre de Murano.
Seus olhos são grandes e macios
como ameixas maduras a escorrer pelas faces.
Depois todos aceitam com línguas de mel
a sobremesa
em pratos de louça chinesa.
Saboreiam compota de Leminsky
e pavê de poemas de amor.

Ninguém lembrou-se de servir o licor
após o cafezinho.

Agora a sala exala odor de vinho amargo.
Os meus amigos dizem Boa noite
e vão embora.
Os hóspedes dormem na dormência do meu sono,
e sonham com a redenção da humanidade.

Eu, Gláucia Lemos

Eu saí de um livro que era lido por minha mãe, durante os meses em que me gestava, “Gláucia, a escrava grega”. Acho que cheguei portando um prognóstico de Literatura. Ganhei um nome grego, feminino de Glauco, um deus verde dos mares, cujo nome significa Verde-azulado, como as águas do mar. Em associação a este significado é que os sonetos que compõem esta seleta trazem o título de “Sonetos verdes”. A esse, foi associado outro nome significativo. Fui batizada Gláucia Maria. A filha do meio do segundo casamento de meu pai.

Aprendi a ler muito cedo porque tinha curiosidade em saber o que estava escrito naqueles livros arrumados na estante. Por isso me rebelei ao ser levada ao jardim infantil, insistindo por uma escola “de livro”. Daí, aos 4 anos estava lendo, descobrindo afinal os segredos dos livros, e nunca mais parei. Aos 13 anos descobri Dostoiévski em “Os irmãos Karamazov”, com tal empolgação, que, por já andar a escrever as minhas histórias, o meu grande e ingênuo objetivo começou a ser escrever como escrevia o meu autor idolatrado. Então fui encontrando também Tolstói, Tchecov, e me dando muito bem com o coquetel internacional, de Maupassant, Cortázar, Thomas Mann, Hemingway, Somerset Maughan, e quem viesse.

Tive infância envolvida com livros e música. Lendo Lobato, aprendendo piano e escutando óperas que minha avó ouvia em discos enormes, numa vitrola. Fui menina de classe média, perdi pai aos 3 anos, nunca vivi com luxo, mas não me faltou o necessário. Numa família que prezava cultura, tive todos os livros que quis, e todo papel que precisei, porque uma alegria era uma

folha em branco diante dos meus olhos para soltar a imaginação nos textos possíveis para uma “literata” de 9 ou 10 anos.

Já o jardim de minha avó era o meu paraíso, onde, com um primo e cúmplice da minha idade, devastava as flores das begônias cor-de-rosa, porque descobrimos que tinha o mesmo sabor de balas de limão. Nessa infância que permanece em mim, vivi os mais saudosos dias da minha vida, ainda que pressionada pela rigidez de uma educação muito severa.

Cursei o ginásio em escola pública, era tempo em que o ensino público no Brasil oferecia o melhor preparo. Era excelente em Português e péssima em Latim. No segundo grau, cursando Magistério, havia uma disciplina de iniciação a Literatura, na qual aprendi versificação, o que até hoje muito me serve na composição dos sonetos com que gosto de me expressar em poesia. Escrevia nos jornais da escola e participava de grêmios literários. Em um desses grêmios, com amigos secundaristas, conheci um poeta, vestibulando, com quem vim a me casar. O poeta estudou Jornalismo, Direito, tivemos cinco filhos e dele sou viúva há muitos anos. Àquela altura já vinha publicando contos em revistas, assinando colunas em jornais e participando de concursos de pouca expressão, vencendo e perdendo.

Por um tempo direcionei meus interesses também para as Artes plásticas, fiz cursos livres na Escola de Belas Artes da UFBA e no Museu de Arte Moderna da Bahia - MAM. Até illustrei com desenhos a nanquim a capa e os contos do meu primeiro livro. Aliás, meu primeiro livro aconteceu de um modo imprevisível, destes que nos levam a acreditar na expressão MAKTUB. Digo que Deus existe e gosta muito de mim. Todo momento mau que vivi - todos os temos na vida, paralelos aos êxitos - foi por ser humana e ter que conhecer o riso e a dor, mas os recolhi numa redoma porque assim deve ser.

O Jornal da Bahia, que foi extinto, tinha um Concurso permanente de contos que publicava, a cada domingo, o melhor conto recebido naquela semana. Durante 3 semanas, o conto premiado foi o meu. Fui convidada, em uma cartinha delicada, a

deixar de concorrer, para que outros candidatos também tivessem oportunidade. Ao lado da frustração por perder uma página que se tornava certa para mostrar o meu trabalho, comecei a crer que alguma qualidade havia nos meus textos. A grande surpresa veio quando o professor Carlos Eduardo da Rocha, crítico de Arte, procurou me conhecer porque lia os contos do concurso, e, sendo do Conselho de Cultura do Estado, aconselhou-me a juntar 15 contos em um livro que ele submeteria a apreciação para ser publicado pela Fundação Cultural do Estado da Bahia. Quase não acreditei. Eu escrevia com a naturalidade de quem respira, não tinha pretensão de vir a me tornar uma escritora, no entanto, sem saber, era isso em que estava me tornando. O livro saiu em agosto de 1979 com o selo da FCEBa e apresentação do escritor Wilson Lins, que fazia parte do Conselho. Esta é a publicação que estamos comemorando neste “Sonetos verdes”.

Depois do primeiro livro senti que o rumo que, forte, me chamava, era a Literatura. Eu andava me dividindo entre trabalhos de desenhos em pastel seco e pintura em vidro, sempre com a insatisfação de quem não realizou o pretendido, enquanto o contrário ocorria ao concluir um conto, uma crônica, sentia que sem dificuldade aquela era a linguagem em que sabia me expressar. Sem dúvida, o meu destino estava na Palavra. Foi então que o saudoso e genial mestre Mário Cravo que, anteriormente, me abrira as portas do seu atelier para orientar-me em meus ensaios de pintura, e me fornecera importante bibliografia que mais me embasaria sobre Estética, iluminou o meu espírito ao dizer que eu escrevia muito bem, que deveria me candidatar à especialização em Crítica de Arte, que a UFBA estava oferecendo a nível de pós-graduação. Eu estava formada em Direito pela UCSal, desde 1972. Fiz o teste para a pós, que estava aberta na Belas Artes, e ingressei na turma de 1980. Foi a opção mais acertada.

Daí para hoje, tenho o meu nome impresso em 40 capas de obras literárias, e assinatura em inúmeros catálogos de exposições, comentários críticos e ensaios, em jornais de cultura. Sou muito prosadora, adulta como em livros infanto-juvenis,

mas também fala no meu espírito um murmúrio poético que insiste em ter voz e se fazer sonoridade e ritmo, para dizer dos sentimentos e das perplexidades.

Neste livro optei pelos sonetos para comemorar 40 anos de Palavras, porque vejo no soneto um verdadeiro luxo, pelo apuro e técnica que a linguagem requer, e que bem merecem os meus 4 decênios bem sucedidos, neste ofício que tem sido árduo e trabalhoso para muitos. Esse tempo fortalece minha certeza de que encontrei o porquê de estar neste mundo, de ser útil às crianças que estudam nos didáticos de Linguagem que encontram tema e referência nos meus livros. De ser agradável às pessoas que se divertem e refletem sobre o que os meus contos e romances lhes querem proporcionar. E tantas vezes me perguntam sobre um final surpreendente. Com a palavra tenho sido feliz e cada novo livro é uma nova aventura, com o descompassar do coração, como se fosse uma primeira vez. É uma nova emoção e um esperançoso começar de novo depois dos 40. E não saberei mais o que é viver, se me faltar esse friozinho na barriga, que me tira do chão e acelera o pulso, como se fosse a primeira vez. Cada vez como se, outra vez, fosse a primeira.

LIVROS PUBLICADOS

- Era uma vez uma rosa que virou mulher (contos) Ed. FCEBA, 1979.
- Coração de lua cheia (novela juvenil) Cia. Editora Nacional / IBEP, 1986.
- Um elfo em minha mão (romance) Ed. Contexto, 1987. Prêmio INL. Recomendado no livro Oficina da Palavra - Rosa Riche e Luciane Hadad. Ed. FTD, 1988.
- Estrela, estrela minha (novela juvenil) Ed. do Brasil. Vencedor do Prêmio da Sec. Cultura do Maranhão, 1988.
- O menino que acendeu as estrelas (infantil) Ed. do Brasil, 1991.
- A surpresa atrás da porta (infantil) Ed. do Brasil, 1991.
- A metade da maçã (romance) Ed. FCEBA. Prêmio Espaço e Tempo da Literatura - Sec. Cultura de Recife, 1988.
- O riso da raposa (romance) Ed. Bibliex (RJ). Vencedor do Prêmio Cidade do Salvador da Academia de Letras da Bahia, 1985.
- A caneta que chorou tinta (conto infantil) Ed. Academia Brasileira de Lit. Infantil. Vencedor do Prêmio Monteiro Lobato, 1989.
- As aventuras do Marujo Verde (novela juvenil) Saraiva / Atual, 1990.
- Novas viagens do Marujo Verde (2º vol. da coleção do Marujo Verde) Saraiva / Atual, 1992.
- A morena Guiomar (novela juvenil) Atual Editora, 1995.
- O Marujo Verde vai aos Andes (3º vol. da coleção Marujo Verde) Saraiva / Atual, 1996.
- As joias do gnomo (infantil) Editora Dimensão.
- Uma aventura no reino dos peixes (infantil) Ed. Bureau, 1997.
- O mistério do galeão (infantil) Formato Editorial, 1996.
- As chamas da memória (romance) Editora BDA, 1996. Prêmio Graciliano Ramos da UBE-RJ, 1990.

- As cartas (romance) Editora BDA, 1996.
- A garota do bugre (novela) Editora Dimensão, 1998.
- O poeta da liberdade (novela comemorativa ao centenário de Castro Alves) Editora Dimensão, 1997. Seleção para Salas de Leitura da Sec. Educação do Estado de Minas Gerais.
- Procissão e outros contos (Selo Letras da Bahia) 1998.
- O Marujo Verde nos mares da Ásia (4º vol. da Coleção Marujo Verde) Atual Editora, 1997.
- O cão azul (poesias infantis) Saraiva / Formato, 1999. Trabalhado no Curso de Literatura da UEFS (Ba) Ref. em 23 didáticos para Linguagem e Gramática.
- Furta-cor e a Mochila Mágica (infantil) Ed. Saraiva / Atual, 1998.
- Salvador era assim II (IGHBA / EGBA) 2001.
- Luaral - um mundo absurdo (novela) Selo Letras da Bahia, 2003.
- Quem sabe onde mora a lua (Infantil) Ed. Saraiva / Formato, 2006.
- Bichos de conchas (romance) Scortecci Editora, 2008 – Prêmio de Melhor Livro – UBE, 2007.
- Vou te contar, meu camarada (novela) Ed. Dimensão, 2008. Finalista do prêmio João de Barros – Sec. Cultura de BH, 2006. Selecionado para o PNBE em 2010. Certificado do Bureau Internacional de Lit. Infantil e Juvenil, 2010.
- Comércio Baiano (ACEBA / ALBA) 2011.
- A lua no coração (Juvenil) Ed. Saraiva / Formato, 2013.
- Marce (romance) Ed. Solisluna, 2014. Sel. UNEB – Curso de Letras – 2018.
- Todas as águas (contos) Ed. Kalango, 2015.
- Éramos três mais a mula (romance) Ed. Mondrongo, 2016.
- Lampadário (contos) Ed. Kalango (BA) 2017.
- Indicada para o Prêmio Fundação UNGE de 2018 (Literatura Infantil).





mondrongo.com.br



mondrongo

Impresso para a Editora Mondrongo em agosto de 2019
no formato 15,5 x 23, em papel Pólen Bold 90 gr no miolo e Cartão
Supremo na capa. As fontes tipográficas usadas foram
a Georgia, Nyala e Times New Roman nos títulos e no conteúdo.

poucos: as crianças. Somente depois de já ser uma autora consagrada, com 30 anos de vida literária, ela veio a publicar uma coletânea de poemas líricos: *Trilha de ausências*. Mesmo assim, numa edição limitada, fora de comércio, distribuída para seus muitos amigos e admiradores.

Em nova efeméride, ao completar 40 anos de literatura, Glúcia Lemos reúne uma gama de sonetos e poemas de versos livres, para publicar este novo livro, *Sonetos verdes e alguns versos brancos*. E sua produção lírica, que teimava em se esconder sob a timidez própria dos iniciantes, se nos revela com a engenhosidade de um turbilhão de sentimentos e com a destreza que só o artista da palavra possui.

E quais são os sentimentos que transbordam de seus versos? Os mais caros à poesia de sempre: amor, solidão, desejo, compaixão, a incompletude da alma humana, a força do espírito, sua perplexidade perante o mundo. Mas nada disso teria significado poético, não fosse seu pleno domínio da linguagem e do verso, notadamente na forma emblemática do soneto.

A autora intitula-os *Sonetos Verdes*. Talvez queira referenciá-los no âmbito das nascentes, das matas virgens, das áreas inexploradas, dos tempos primevos, dos votos cardinais. Sua poética, porém, insere-se no corpo da melhor poesia e encontra assento na balaustrada serena dos mais amplos horizontes da maturidade.

Luís Antonio Cajazeira Ramos
novembro de 2013



Nos olhos a penumbra do cansaço.
Na madurez da face, a pele em sombra
sépia, a caligrafar o fim de um dia
de um tempo escrito lento nos teus passos.

Olha-me com olhos sisudos, e a palavra
quase turva, traduz um fim de tarde.
O embaraço na entrega confessada
de um deus a revelar fragilidade.

Parece haver mais prata a cada noite
nas fortes têmeoras de tez morena.
Como na barba a despontar no rosto.

Amo estas rugas novas, sonolentas.
O marasmo na voz suplica um colo.
E te amo mais assim, tão frágil e exposto.

(SONETO DA FRAGILIDADE)

978-65-80066-24-7

